

Revista: Arquitetura

(Artes Visuais)

Data: setembro de 1963

Local: Rio de Janeiro

Título: Ivan Serpa e Darel Valença

Autor: Ferreira Gullar

Instituto de arte contemporânea

completo

Arquitetura - (Artes Visuais)

setembro 1963 - RJ

DATA: setembro de 1963

LOCAL: Rio de Janeiro

TÍTULO: Ivan Serpa e Darel Valença

AUTOR: Ferreira Gullar

IVAN SERPA E DAREL VALENÇA

E a pintura continua. Aos trancos e barrancos, mas continua. É fato que, pelo menos no Brasil, o entusiasmo pelas artes plásticas é menor. Discute-se menos, os jornais reduzem o espaço que dedicavam à matéria. Não nos iludamos com páginas de reproduções em cores de quadros antigos e modernos nas revistas: é que elas têm de utilizar a capacidade técnica de suas máquinas de imprimir... Os velhos críticos vão se calando e não surgem novos. Mas a coisa continua, mesmo assim.

.....

Li que Ivan Serpa tinha mudado de rumo, virara figurativo, e fui ver. Não que duvidasse, absolutamente. É que acredito estar chegando a hora de revermos os juízos emitidos sobre artistas de nossa geração, que já possuem hoje nome e prestígio. Mês passado escrevi sobre Lygia Clark, que, como Ivan, participou dos combatentes concretistas. Ele continuou naquele rumo, abrindo outras trilhas até o ponto em que está agora, entre a necessidade e o acaso. Ivan, que foi rigidamente concreto de causar surpresa a Max Bill - abandonou a trilha faz cerca de quatro anos, tomando o rumo do tachismo, que então desabrochava como cogumelo pela Europa inteira. Agora, deixava o tachismo pela figura? Fui ver.

Ali, estavam, na loja de Joaquim Tenreiro, os novos quadros de Ivan. Nota-se, de saída, que o pintor experimenta, pois naqueles poucos quadros (talvez não cheguem a vinte) há pelo menos três ou quatro maneiras diferentes de resolver a obra. Em al-

Setembro de 1963 - Rio de Janeiro

guns a figura mal surge, noutros ela se completa entre fragmentos de manchas coloridas, noutros ela se mostra claramente, com linha de contorno e tudo: pintura figurativa mesmo!

Fiquei me lembrando do **Serpa** de 1951, 52, concretista ortodoxo. Quem diria que, por baixo daqueles quadrinhos, dormissem tantos monstros e tantos sentimentos? De fato, confirmo uma tese: os artistas têm nada e tudo para dizer. A arte pode dizer qualquer coisa, porque o artista, homem, sujeito às contradições, traz em si os extremos e o que fica entre eles. Eis porque é bobagem julgá-los pela "coerência" da obra.

Essa exposição de **Serpa** tem, para mim, um aspecto positivo: o pintor começa a voltar à realidade. É evidente que ele resiste, ainda, a voltar de vez. Atravessa pesadelos, advinha monstros nas manchas. Caminha um pouco mais: as figuras humanas são quase monstruosas e se mostram pelo que têm mais animal.

Serpa desce para realidade individual, subjetiva. Seus quadros refletem certa repugnância de um dos aspectos mais complexos do real: o sexo. Suas figuras são mulheres, mulheres nuas, deformadas, animais, feias, caricaturais. Há certo moralismo nessas pinturas, reflexo talvez do temor em ser reconduzido à condição de homem comum. Mas há coragem em colocar o problema, em defrontar-se com ele. Dessa visão deformada do real, pode **Serpa** caminhar para um ponto de vista mais objetivo em que sua condição de homem e de artista se exprima com maior amplitude e profundidade. A porta se abriu.

Não se deve deixar de lado o aspecto puramente pictórico da mostra. Os quadros expostos mostram um pintor de técnica

Setembro de 1963 - Rio de Janeiro

madura, senhor de seu "métier", capaz de lidar com a linha, a cor e matéria com total domínio. Falta-lhe, naturalmente, no início dessa fase, a seleção dos elementos expressivos e sua utilização em profundidade. O que virá com o trabalho.

.....

instituto de arte contemporânea